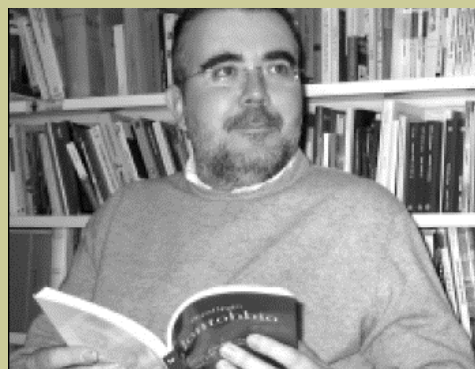


## **A POÉTICA DE SANTIAGO MONTOBBIO – UM POETA CATALÃO<sup>1</sup>**

**Ester Abreu Vieira de Oliveira**



O poeta catalão, Santiago Montobbio de grande força e profundidade lírica, tem poemas traduzidos em nove idiomas e colaborações em várias revistas.

Suas obras, originalmente em espanhol (são oito) e duas em francês, já estão traduzidas para o inglês, francês, alemão, italiano, romeno, dinamarquês, albanês e português e, ainda, há uma edição digital na "Universidad Católica" do Peru de alguns de seus poemas.

Alguns dos poemas de Montobbio foram editados em francês (Bruxelas, Paris), italiano, inglês (Londres, Dublin, Nova York), português (Portugal e Brasil - inclusive em Vitória (BR), na Revista da Academia Espírito-santense de Letras e em A Gazeta) e há inclusão de alguns poemas em antologias na França, *Le théologien dissident* (2008) e *La poésie est un fond d'eau marine* (2011) e no Brasil, *Donde tirita el nombre/* (2010), (*Onde treme o nome*).

De mim mesma Montobbio tem poemas traduzidos e publicados em revistas e em *A Gazeta* — Vitória, ES, sendo esse um dos motivos de tê-lo escolhido para apresentar neste congresso, além, naturalmente, da importância de seus versos que são, na maioria, irregulares e trazem questões transitórias de vida, morte, solidão, marginalização, consciência do tempo, reflexões sobre o amor e uma preocupação constante de apresentar o fazer poético.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no XIV CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: TODOS OS POEMAS O POEMA de 15 A 16 DE OUTUBRO DE 2012 – PPGL-UFES

Montobbio é formado em Direito e professor nesta área sobre isso dá a seguinte explicação:

Yo antes pensaba que la Poesía y el Derecho no tenían precisamente mucho que ver, pero de vez en cuando ahora creo que quizá no es tan así, ni que sea porque la poesía puede subsumirse en una categoría jurídica, ya que afortunadamente forma parte de las cosas que están fuera de comercio".

E o poeta explica que o seu EU é mais verdadeiro quando compõe, no poema de *Los soles por las noches esparcidos* (p.68):

ESCRIBIR ES UN SAQUEO: EL SAQUEO  
de uno mismo. El alma irrumpe  
y se vacía, su espíritu trasciende  
hacia siempre o hacia nunca. Una paloma  
alza su vuelo y en él todo se ha cumplido  
y todo está perdido. Palabra, alma,  
signo. Un alba que se alcanza  
por encima o detrás de la mañana.  
Un pozo de secreta agua que queda  
del saqueo y que intacto perdura  
como un sueño y en la que está y se refleja  
mi rostro más cierto y verdadero.

Observa-se, na obra montobbiana, um equilíbrio entre tradição e ruptura e um diálogo entre o poeta e a poesia contemporânea, prestando, pois, com isso, original contribuição para a poética de nossos dias, na apresentação original dos poemas fundamentados na metáfora.

### **O autor e suas obras**

Santiago Montobbio, membro correspondente da Academia Espírito-santense de Letras, nasceu na Espanha (Barcelona, 1966). Licenciado em Direito em Filologia Hispânica pela Universidade de Barcelona é professor da "Escuela Superior de Administración y Dirección de Empresas" (ESADE), instituição particular e da "Universidad Nacional de Educación a la Distancia" (UNED).

Sua estreia de publicação como poeta ocorreu na *Revista de Occidente*, em 1988. A partir dessa data publicou suas obras na Espanha (Madri, Barcelona) México e França. São elas: *Hospital de Inocentes* (1989), *Ética confirmada* (1990), *Tierras* (1996), *Los versos del fantasma* (2003), *El anarquista de las bengala* (2005), *Le théologien dissiden* (2008), *La poésie est un fond d'eau marine* (2011), *Donde tirita el nombre* (2010), *Absurdos principios verdaderos* (2011) (Os textos deste livro são

contemporâneos dos que integram *El anarquista de las bengalas*) e *Los soles por las noches esparcidos* (2013) – el Bardo o colección de Poesia.

O tecer poético montobbiano, pela temática e forma, foi elogiado por escritores de renome e suas poesias já foram apresentadas em salões de sua cidade, Barcelona, e de outras cidades da Espanha e da França, Entre os escritores famosos que elogiaram a beleza, a força e a profundidade de sua poesia, estão Carmen Martín Gaité, Miguel Delibes, Camilo José Cela, da Espanha; Ernesto Sabato e Onetti, da Argentina. Por exemplo, disse Juan Carlos Onetti de *Hospital de Inocentes*:

Muy pocas veces me produce alegría contestar a los autores que me envían sus obras. Este es un caso distinto. Me hace feliz escribirle porque su libro *Hospital de inocentes* es muy bueno y de manera misteriosa siento que coincide con mi estado de ser cuando estoy escribiendo.

Montobbio tem colaborações na Revista "El Ciervo", que, em 1991, recebeu a "Medalla de Oro al Mérito" nas "Bellas Artes", concedida pelo rei Juan Carlos. Em 2006, com a obra *El anarquista de las bengalas*, esse nosso poeta foi finalista do Prêmio "Quijote", concedido pela "Asociación Colegial de Escritores de España" ao melhor livro publicado no ano. Entre suas publicações está um livro de arte com o pintor Lluís Ribas, *Los colores del blanco* (2008) e colaborações em revistas de Espanha e América, como *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, *La Gaceta del Fondo de Cultura Económica* ou *Casa de las Américas*.

Apesar de sua maneira própria de recriar o mundo ao construir seus poemas, encontramos ecos de poetas do século XX, principalmente dos escritores da geração do 27.

Em *Absurdos principios verdaderos* (APV<sup>2</sup>), o poema "*Para vivir no quiero islas palacios y qué alegría* (p. 84) está claro o eco com o poema de Pedro Salinas "*Para vivir no quiero \ islas, palacios, torres.\ ¡Qué alegría más alta:\ vivir en los pronombres!*". Mas o que mais vincula Montobbio a Salinas é a apresentação de um amor distante, fora da realidade cotidiana à margem do tempo e do espaço. A mulher do seu "eu poético", o Outro, com quem dialoga, se reflete em outras. Exemplo são os versos do poema "Outra vida", p. 43-44, da obra APV:

[...] Puertas por las que hubiera mujeres/ a quienes devoraran los ojos/ los invisibles ejércitos del miedo, / mujeres que hubieran sabido del hormigueo oxidado/ que dan los gusanos del día,/ puertas, mujeres, simplemente mujeres/ en el borde de un vivir o de un abismo,/ mujeres tan solo y que tu pudieras salvarlas,/ rescatar tu nombre del olvido en que has caído/ y que labios y palabras/ por un momento no olieran tanto a despedida.[...]

<sup>2</sup> Passarei a simplificar o nome da obra *Absurdos principios verdaderos* por APV

([...] Portas pelas quais tivessem mulheres/ de quem devorassem os olhos/ os invisíveis exércitos do medo, / mulheres que soubessem do formigueiro oxidado/ que dão os vermes do dia,/ portas, mulheres, simplesmente mulheres/ na beira de um viver ou de um abismo,/ mulheres apenas e que pudesses salvá-las,/ reaver o teu nome do esquecimento em que caíste/ e que lábios e palavras/ por um momento não cheirassem tanto a despedida.[...])

E pode-se dizer, também, que há ecos de Luis Cernuda na temática da solidão, da melancolia e de um amor frustrado, ou de um verso ou expressão como aparece em "Adiós último" (p. 151), de *APV*, no verso inicial "*oscura del amor o el olvido*":

<p>En la tenacidad <i>oscura del amor o el olvido</i> pensaba haberme del vivir despedido. Del vivir o los versos, rostros, espantos y nadie. Pero quedan las sombras, y hasta en las sombras el poeta es el mismo, pobre e inútil mientras dice su adiós último.</p>	<p>Na tenacidade escura do amor ou do esquecimento pensava ter do viver despedido. Do viver ou dos versos, rostros, espantos e ninguém. Mas ficam as sombras, e até nas sombras o poeta é o mesmo, pobre e inútil enquanto diz o seu último adeus.</p>
---	--

Mas há versos que nos fazem lembrar poetas anteriores ao Modernismo, como Ramón de Campoamor, com as suas "Doloras y humoradas"<sup>3</sup>, como os poemas de *APV* ("Timidez", p. 149, e "Un cuaderno", p. 140):

<p><b>Timidez</b> Aunque alguna vez me hicieron una leve ilusión las caídas hojas de plátano que son las citas también ella sabía que esta vez alegraría accidente o urticaria y al final no iría.</p>	<p>Timidez Apesar de alguma vez me fazerem uma leve ilusão as caídas folhas de banana que são os encontros também ela sabia que esta vez alegria acidente ou urticária e no final não iria.</p>
--	---

<sup>3</sup> Doloras são um conjunto de poemas breves, de caráter dramático e carga filosófica .

<b>Un cuaderno</b>	Um caderno
Las hojas de un cuaderno pueden llegar a ser los huesos a los que las palabras hagan cosquillas con los mentirosos espejos de los días. [...]	As folhas de um caderno podem chegar a ser os ossos de quem as palavras façam cócegas com os mentirosos espelhos dos dias. [...]

Como diz Rimbaud a poesia quer mudar a vida e não pensa em embelezá-la nem fazê-la mais justa ou boa. Por meio da palavra procura fazer um mundo sagrado e consagra a experiência dos homens e as relações entre eles.

Em *APV*, no poema "Cajón de sastre" (p. 46) a expressão *ubit sunt*, "donde están y qué se hicieron", e a tristeza nele subjacente, lembram as *Coplas por La muerte de su padre*, de Jorge Manrique (1440 - 1479), poeta espanhol do século XIV.

Montobbio Los oxidados cangrejos del miedo, los disfraces vistosos con que los recibías, dónde están y qué se hicieron. Los disfraces, los nombres, los asesinos y las niñas, los fantasmas de ti que te usurpaban los cuerpos o el modo de sostener el cigarrillo: los cangrejos, niños, ¿qué se hicieron [...]	Manrique ¿Qué se hizo el rey don Juan? Los infantes de Aragón ¿qué se hicieron? ¿Qué fue de tanto galán, qué fue de tanta invención como trajeron? [...]	18
---	--	----

No poema "De amor", sente-se um eco de poemas de Juan Ramón Jiménez:

### **De amor**

Como sol caído, como lluvia errada, yo te amé así,  
y así te lo repito: como sol caído y lluvia errada,  
con sombra y con nube yo te amé, niña del agua,  
yo te amé como en el destino que la vida me impuso  
mejor supe. Y así te amé como no bastaba.

Y la noche fue ladrona, y asesina,  
de la poca luz que conseguía arañar  
en mi miseria. Ahora sé que los túneles  
en que está prohibido que el vivir respire  
no han de terminar nunca.) (*APV*, p. 17)

(De amor

Como sol caído, como chuva errante, eu te amei assim,  
E assim repito: como sol caído e chuva errante,  
com sombra e com nuvem eu te amei, menina da água,  
eu te amei como no destino que a vida me impôs  
melhor soube. E assim te amei como não bastava.

E a noite foi uma ladra, e assassina,  
da pouca luz que conseguia arranhar  
em minha miséria. Agora sei que os túneis  
em que está proibido que o viver respire  
não terminam nunca.)

Na obra de Montobbio há continuidade de temas, título e poemas, mas há coerência nas repetições. Entre os seus temas, os mais recorrentes são: poema, verso, mulher, amor, morte, melancolia e tempo. Poder-se-ia, ainda, citar: outono, aranha, lobo, túnel.

### **Túnel**

Este extraño túnel en que vivo, este túnel de dolor y sin preguntas  
en el que ni para la noche hay más noche  
no quiero tú que lo compartas, ni que lo sepas quiero,  
y por eso finjo rostros, alegrías y colores  
que acompañen el vivir bajo tu risa.

Mi amor es pobre, mas en su pobreza ama.  
A las tristes ficciones de mi nombre da  
para tu corazón mil alas. (*APV*, p. 64)

(Túnel

Este estranho túnel em que vivo, este túnel de dor e sem perguntas  
em que nem para a noite há mais noite  
não quero que tu partilhas, nem que saibas quero,  
e por isso finjo rostos, alegrias e cores  
que acompanhem o viver sob teu sorriso.

Meu amor é pobre, mas na sua pobreza ama.

Às tristes ficções de meu nome dá  
para teu coração mil asas.)

Há, na escritura montobbiana, uma espécie de purgação de questões transitórias como a morte e a solidão, isto é, torna-se, o seu escrever poético, um desafio de um “eu” amargo. É um exemplo “Cuarteta” (p. 147), de *APV*:

<p style="text-align: center;"><b>Cuarteta</b></p> <p>Sobre la noche de las nadas me recuesto. (No me levanto ni mojado ni contento). Sobre la noche de las nadas me recuesto. Ojalá pudieras decirme si aún hay algo que pierdo.</p>		<p style="text-align: center;">Quarteta</p> <p>Sobre a noite dos nadas me deito. (Não me levanto nem molhado nem contente). Sobre a noite dos nadas me deito. Oxalá pudesse dizer-me se ainda há alguma coisa que perco.</p>
---	--	--

Fundo e forma dos poemas montobbianos são variados. Unidos a longos poemas narrativos, estão alguns sombrios e outros com imagens surrealistas. Há alguns poemas teatrais, cinematográficos, ou em prosa poética. Existem poemas curtos de um, dois, três e quatro versos com um humor amargo ou uma fina ironia, como se pode ver em *El Anarquista de las bengalas* (p. 40), o poema “Lo mejor del día”, poema de dois versos e, em *APV*, o poema “Al final del Camino” (p. 143), poema de um verso:

<p><b>Lo mejor del día</b> La mañana tiembla en una esquina cuando te vuelves más niña.</p> <p><b>Al final del Camino</b> Oscuro mendigo y esperanza</p>		<p>O melhor do dia A manhã estremece na esquina quando você fica mais menina.</p> <p>No final do caminho Obscuro mendigo e esperança</p>
--	--	--

)

Na obra *El anarquista de las bengalas*, no poema com este nome (p. 127), um eu poético escritor “[...] Sé lavarme el alma/ sobre papel y nada, [...]” se metaforiza em um anarquista que solta bombas (ou foguetes) sinalizadoras (“bengalas”) porque

quando acende uma dessas bombas se destroça e ao outro: “[...] Cada vez/ que enciendo una tu corazón/ y mi corazón se apagan.”

No fazer poético montobbiano, há um olhar para dentro e para fora do eu

<p><b>PARADISE</b> No es que en mis cantos no haya ningún paraíso, todo lo que pasa es que dicen que se ha perdido. (APV, p. 123.)</p>		<p><b>PARAÍSO</b> Não é que em meus cantos não tenha nenhum paraíso, tudo o que acontece é que dizem que se perdeu</p>
--	--	--

As pontuações poéticas de Montobbio, na criação de metáforas, fazem lembrar as *greguerías*<sup>4</sup> de Ramón Gomez de la Serna, por exemplo, quando faz a metalingüística do amor no poema, de *El anarquista de bengalas*, “Principio final”, e faz a metalinguagem do amor:

<p><b>Principio o final</b></p> <p>El amor es un desierto cuya calma sólo alguna vez se ve violada por odiadas sangres silenciosas. El amor es un papel o es un espejo, mientras por afónicos versos yo me extiendo y sé que somos nada.</p>		<p>Princípio ou final</p> <p>O amor é um deserto cuja calma só alguma vez se vê violada por odiados sangues silenciosos. O amor é um papel ou é um espelho, enquanto por afônicos versos eu me estendo e sei que somos nada.</p>
--	--	--

Há nos poemas montobbianos uma espécie de purgação de questões transitórias como a vida, a morte, a solidão, a marginalização e a consciência do tempo. Há uma reflexão melancólica sobre o amor o que torna a sua escritura, o seu escrever poético, um desafio de um eu amargo. Em decorrência de uma filosofia existencial surgem poemas sombrios, imagens surrealistas, teatrais e cinematográficas,

<sup>4</sup> Greguerías - breves composições em prosa, com interpretações ou comentários criativos e humorísticos sobre aspectos da vida cotidiana. Essas composições receberam este nome de seu criador Ramón Gomez de la Serna (Madrid (1988: Buenos Aires 1963).



exemplo seria o poema "En el Momento último" do livro *APV* (p. 53-54) de 51 versos irregulares:

Conscientes de que hace un tiempo lo suficientemente túnel  
 Como para que las lunas se hayan ya olvidado por completo de sí mismas  
 Tú y yo tendremos miedo o al menos la pequeña, inevitable vergüenza  
 de quien ha vivido siempre en el compás del frío [...]

No arcabouço poético montobbiano, pode ser observada a preocupação constante de apresentar o tema do fazer poético, isto é, a procura de assinalar o poema, a tessitura e o conteúdo dele. Um exemplo é o poema "Los poemas están tristes" que, me confessava o autor em correspondência (19/9/2011):

[...] es uno de los poemas que escribí en 2009, cuando entonces, hace dos años, volví a escribir poesía con gran intensidad, después de veinte años de silencio. Lo publicó junto con otro Fernando Valls el 3 de diciembre de 2010, profesor de la Universidad Autónoma de Barcelona, en su blog "La nave de los locos", que es un blog literario muy seguido en España, y después lo tradujo y publicó en italiano la poeta de Roma Piera Mattei en su revista "Lucreziana". Ahora se publicará en libro, en octubre: se publica en la veterana colección de poesía El Bardo (fundada en 1964) con el título "La poesía es un fondo de agua marina". Este libro incluye este poema. Como sabe, se ha publicado un libro en París con una selección de estos nuevos poemas ("La poésie est un fond d'eau marine", Éditions du Cygne, Paris, 2011), que también lo incluye, en traducción al francés de Jean Dif.

### **LOS POEMAS ESTÁN TRISTES<sup>5</sup>**

bajo el adiós  
 que siempre dicen. Los poemas  
 no pueden ser de otro modo  
 y cifran el recodo último  
 en que el vivir a sí se enfrenta.  
 Los poemas no se gustan, no complacen.  
 Pero me encuentran, me buscan y me dicen.  
 Los poemas no son disciplinados niños  
 que sigan preceptivas o recetas. Los poemas,  
 si son buenos, se sorprenden a sí mismos.  
 Los poemas están tristes y muchas veces no se  
 gustan

<sup>5</sup> Disponível em: [nalocos.blogspot.com/2010/12/santiago-montobbio.html](http://nalocos.blogspot.com/2010/12/santiago-montobbio.html)

pero en su destino está el ser únicos, definitivos.  
 En los poemas me congrego y cifro  
 desde el último fondo de mí mismo.  
 En ellos vivir es siempre abismo.

(OS POEMAS ESTÃO TRISTES  
 sob o adeus  
 que sempre dizem. Os poemas  
 não podem ser de outro modo  
 e resumem a última curva  
 em que o viver a si mesmo se enfrenta.  
 Os poemas não agradam, não satisfazem.  
 Mas eles me encontram, me buscam e falam comigo.  
 Os poemas não são crianças disciplinadas  
 que seguem regras ou receitas. Os poemas,  
 se forem bons, se surpreendem a si mesmos.  
 Os poemas estão tristes e muitas vezes  
 não são apreciados  
 mas o seu destino está em ser únicos, definitivos.  
 Nos poemas eu me congrego e resumo  
 do último fundo de mim mesmo.  
 Neles viver é sempre abismo.)

Ou também o momento angustiante da escritura o de debruçar-se no papel ali o "eu lírico" coloca o âmago do seu eu. E no poema "En los márgenes del papel", p. 21, de *APV*, ele nos brinda a construção angustiante de um poema:

### **En los márgenes del papel**

Papel que la noche arroja,  
 papel con la luz a veces,  
 papel o fuego o más bien  
 la salvación triste  
 que a los huérfanos les queda:  
 hospital del pájaro al que el silencio acecha  
 y donde las infancias como todo cuelgan,  
 hospital inocente, rostros que fuiste,  
 abandonos de nombre – amores, historias, murallas,  
 lunas de ventanas, muertas – , locuras  
 pequeñas, último hospital, papel y fuego,  
 hospital sin fin, caridad perdida. O refugio triste,  
 papel o nadie, afonía seca, antiguos locos

que perdió tu historia, aquello que eres y el tiempo  
te prohibió que fueras, poeta y martirio, hospital,  
papel, hospital antiguo, hospital de sombras,  
hospital de inocentes.

(*APV*, p. 21)

(NAS MARGENS DO PAPEL

Papel que a noite atira,  
papel com a luz às vezes,  
papel ou fogo ou melhor  
a salvação triste  
que para os órfãos sobra:  
hospital do pássaro que o silencio espreita  
e onde as infâncias como tudo penduram,  
hospital inocente, rostos que você foi,  
abandonos de nome – amores, histórias, muralhas,  
luas de janelas mortas – , loucuras  
pequenas, último hospital, papel e fogo,  
hospital sem fim, caridade perdida. Ou refúgio triste,  
papel ou ninguém, afonia seca, antigos loucos  
que perdeu tua história, aquilo que ES e o tempo  
te proibiu que fosses, poeta e martírio, hospital,  
papel, hospital antigo, hospital de sombras,  
hospital de inocentes.)

Em *El anarquista de las bengalas*, no poema “Versos a duros”, mostra-se o eu poético um eu severo em seu julgamento para com ele mesmo, difere do jogral que pede algo, ou “un buen vino”. No entanto um eu, diminuindo o valor de seus versos, diz que ninguém deve lhe dar nem um tostão, ou seja, nada (“un duro”):

[...] por los poemas hay que dar la vida.  
Pero por los míos que nadie dé un duro.  
Y vosotros dad menos, sólo quizá  
Lo que el vivir les trajo: desprecios,  
Hachazos, tibios hachazos  
Entre el frío.

Montobbio se serve da poesia para mudar a vida. De uma maneira poética, com a palavra, relaciona o homem com o mundo, consagra suas experiências e sua relação entre ele e o mundo, entre o homem e a mulher, entre o homem e a sua própria consciência. Não pretende ele embelezar, santificar ou idealizar o mundo que retrata

por essa razão a sua representação não é falsa e nem é verdadeira, mas poética. Para terminar segue o poema "El mar está al final de algunos niños" no qual o "eu poético" encontra no signo do mar elementos para querer identificar-se com ele e integrar-se com o ser amado.

### **EL MAR ESTÁ AL FINAL DE ALGUNOS NIÑOS<sup>6</sup>**

Habita su corazón y es quizá su brújula,  
 su ritmo, su latido. El mar está al final  
 de todo lo que resplandece en esta vida.  
 El mar es una infancia. El mar es la libertad, la música.  
 Yo quiero ser el mar que te encuentre y te adivine  
 cuando se despierte la mañana y en tu alma  
 su ritmo seguir, como un niño  
 que al final o en su corazón lo cifra.

### **(O MAR ESTÁ NO FINAL DE ALGUMAS CRIANÇAS**

Habita seu coração e é talvez sua bússola,  
 seu ritmo, seu pulsar. O mar está no final  
 de tudo o que resplandece nesta vida.  
 O mar é uma infância. O mar é a liberdade, a música.  
 Eu quero ser o mar que te encontre e te adivinhe  
 quando a manhã acorde e em tua alma  
 seu ritmo seguir, como uma criança  
 que no final ou em seu coração o condense.)

### **Referências**

MONTOBBIO, Santiago. *El anarquista de las bengalas*. Barcelona: March Editor, 2005.  
 \_\_\_\_\_. *Absurdos principios verdaderos*. Barcelona: March Editor, 2011.  
 \_\_\_\_\_. *Los soles por las noches esparcidos*. Barcelona: El Bardo/36, 2013 (Colección poesía)

Disponível em:

[artespoeticas.librodenotas.com/artes/990/aclaraciones-para-confundir-1988](http://artespoeticas.librodenotas.com/artes/990/aclaraciones-para-confundir-1988))

Disponível em:

<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo228esp.htm>.

<sup>6</sup> Do livro *La poesía es un fondo de agua mar*